

O QUE ME DIZ NIETZSCHE – TENTATIVAS DE APREENSÃO DE SEU CANTO EM ASSIM FALOU ZARATUSTRA

ANA CRISTINA DE MORAES¹

Eu e Nietzsche

Muitas leituras nos trazem formas de aprendizado (ou, mais além, desfazem muito do que já aprendemos). A leitura de algumas idéias de Nietzsche, por exemplo, está fazendo com que eu conheça um pouco mais de mim mesma, minhas *prisões* e meus anseios de *libertação*. Incessante vir a ser. E é essa forma de pensar que está me instigando a ousar; a desconstruir/construir estilos de vida mais desprendidos das formas institucionalizadas, quase engessadas, e que estão inseridas num conjunto de normas tidas como “corretas” e “boas”.

Sob a influência de Nietzsche, venho mantendo uma comunicação constante comigo mesma, como um monólogo que se cria a partir de um diálogo entre alguns de meus “Eus”.

Assim, começo a “vomitar” palavras impulsivamente, com uma certa agressividade, expressando meus estados de espírito momentâneos, resultando nas idéias que estão presentes nos parágrafos seguintes.

Desejo, instinto, pulsão de morte. Felicidade, também suicida e mesmo homicida. Dioniso², sujeito que é parte de nós, clama por manifestar-se. Ele quer festejar a existência da existência. Mas, por quê deixamos Apolo sucumbi-lo? Dioniso ainda não conseguiu vencer essa batalha contra Apolo. Esta luta deverá se prolongar por muito tempo. Um embate constante. Sem vencedor ou perdedor.

Nós, que insistimos em hipervalorizar nosso lado apolíneo, precisamos ser esmagados pela pata do maior e mais pesado animal! Ainda agimos em nome da moral!

Moral que aprisiona. E pouco nos abandona. Nos nega a vontade de potência, de vida. A ‘velha’/ ‘nova’ moral, geradora de hipocrisia e produtora de máscaras fantásticas, fanáticas. Como palavras ditas que omitem pensamentos e sentimentos sendo meras fantasias carregadas dessa mesma moral. E

¹ Mestranda em educação UFC.

² Nietzsche estabeleceu uma distinção entre o apolíneo e o dionisíaco. Apolo é o deus da clareza, da harmonia e da ordem; Dioniso, o deus da exuberância, da desordem e da música. Segundo Nietzsche, o apolíneo e o dionisíaco, complementares entre si, foram separados pela civilização.

nesse mar de aparências, os desejos permanecem latentes... *latem, latem*, ...como o cão com fome e com raiva, aprisionado no quintal ... chegando mesmo a incomodar os vizinhos! Desejo impulsivo. Ensaio de um sentir-se vivo. Vivências de uma criança que engatinha e que quer logo andar e correr ... sem medos, no gozo de sua pulsão de vida e de morte. São Apolo e Dioniso em êxtase, manifestando-se nesta criança que se esforça para caminhar sem achar que pode sentir dor ao cair. Para ela, o cair no chão é também uma grande descoberta. Quase chega a ser divertido! Criança que cansa, que dança e que adormece com toda a sua simplicidade e sua liberdade. Onde está meu ser criança? Oh, adulto infame, que invade este universo, impondo valores, massacrando aos horrores! Terríveis educadores!!! Eternos disciplinadores? Castigações, frustrações, corrupções. Tudo em nome da moral! Por que essa 'ordem' tanto atrai os Homens? Qual o seu sentido? O reforço e a manutenção do poder (eclesiástico cristão) ... talvez. Pois que seja extinta a Igreja!!!

A humanidade – e tenho consciência de que sou parte dela – parece gostar de cultivar esse *câncer* (maligno para os instintos) chamado moral.

Moral cristã, que Nietzsche tanto execrava e desejava mesmo que os homens a fizessem sucumbir. Ela constitui uma *rebelião contra a vida*, como ele mesmo declama:

Suposto que se tenha compreendido o que há de sacrílego em uma rebelião contra a vida, tal como na moral cristã se tornou quase sacrossanta, então, com isso, por felicidade, também se compreendeu algo outro: o que há de inútil, aparente, absurdo, mentiroso, em uma tal rebelião (Crepúsculo dos Ídolos, s5. In: Col. Pensadores:333).

Somos presidiários (as) dos nossos valores. Culpa, medo, rancor, piedade, submissão. Somente perceber e executar o próprio desejo nos faria vivenciar a liberdade. Mas, que é a liberdade? Pois vemos que o ser humano manifesta esse incessante conflito entre a busca de liberdade e o exercício de seu oposto, sendo a liberdade um dever, da mesma forma que o cárcere. Daí não haver plenitude. Minha impressão é a de que nossas atitudes oscilam entre a busca de liberdade e de encarceramento, ambas desejadas e cultivadas. Sobre liberdade, encontrei em Nietzsche o seguinte: ... *algo que se tem e não se tem, que se quer e que se conquista...* (Idem, S38: 341). Além disso, liberdade, numa perspectiva nietzscheana se expressa como:

Ter a vontade de responsabilidade própria. Manter firme a distância que nos separa. Tornar-se indiferente a cansaço, dureza, privação e mesmo à vida. Estar pronto a sacrificar à sua causa seres humanos, sem excluir a si próprio. Liberdade significa que os instintos viris, que se alegram com a guerra e a vitória, têm domínio sobre outros instintos, por exemplo, sobre

o da "felicidade". O homem que se tornou livre, e ainda mais o espírito que se tornou livre, calca sob os pés a desprezível espécie de bem-estar com que sonham merceeiros, cristãos, vacas, mulheres, ingleses e outros democratas. O homem livre é um guerreiro. (Idem: 341).

O bem estar desprezível a que Nietzsche se refere vincula-se às atitudes estereis, cômodas, as quais as pessoas se submetem com a perspectiva de adquirir 'estabilidade', 'segurança' e 'felicidade'. Essa 'felicidade', segundo ele não representa nada além que uma ilusão, pois os instintos humanos anseiam por liberdade e ela, ao contrário, castra esses instintos, refletindo apenas um estado de felicidade monitorado e controlado por outras pessoas. Para Nietzsche, o ser humano deve adquirir atitudes de guerreiro, cheio de si, com ações motivadas pelos próprios desejos. Isso geraria uma aproximação maior com a felicidade, numa perspectiva de manifestação dos desejos; em outras palavras, uma não-castração humana.

Mas, como efetivar um projeto humano instintivo diante de tanta diversidade de desejos dos indivíduos? Sobreviveria a espécie humana diante dessa explosão de instintos (que, para mim, são fortemente condicionados pela própria racionalidade desses seres, pois instinto e razão não se separam totalmente)? Há, para Nietzsche, *limites* nas atitudes dos homens civilizados?

Estas e outras questões ficam flutuando em meus pensamentos – *encarcerados* ainda – quando leio os escritos deste sujeito. Sinto um desejo louco de gritar, de correr, de sair. Um turbilhão de valores se manifestam. Apenas interpretações tuteladas por uma série de valores morais.

Fruto de herança – é a nossa moral! Peso que cansa. Peço que saia. Deixe-me em paz! Só quero agarrar esse vento que vem trazendo folia, dizendo bom dia, menos amém... O meu deus não diz amém. O MEU DEUS SOU EU!

Breve diálogo entre alguns de meus "eus" – sob inspiração de Nietzsche

É, pois, diante de uma necessidade existencial que converso constantemente comigo mesma. Um misto de prazer e de luta contra valores morais que tanto me incomodam e que estão ainda bastante impregnados:

– O que há? Pra quê tanto sentido? Seu corpo está perdido. Sua fé cristã, eternizadora, dominadora e vã não te liberta dos horrores, nem dos amores. Quantos rancores! Quase todos os pensares estão impregnados pelos pesares católicos! Culpa. Pecado. Misericórdia. Perdão.

– Por que você não perdoa? Mesmo que doa...

– Mas, para quê perdoar? Deixa como está. Logo vai passar.

- Passa?
- Nem peça, nem me impeça de voar!
- Trair, cuspir, subverter, matar. São também verbos tipicamente humanos. Rurais e urbanos.
- Pra quê esconder? Por que não dizer?
- Nada de sentido lógico, linear, católico.
- Convença-me disto! Quero aproximar-me dos outros. Quero apaixonar-me pela mesquinhez e pelo narcisismo dos outros!... Para também reconhecer-me: os outros são meu espelho!
- Ruínas. Propinas. Como morfina em meu peito, eu me deleito com esta tragi-comédia. Com uma poesia partida e sua máscara caída não há defesa nem mesmo certeza para você se segurar.
- Só mais sete dias para eu me curar.
- Existe cura? Existe CURVA no teu pensar? Para quê se justificar? Existe mesmo o TEU pensar? Que dificuldade é essa para criar? Cadê você? Consegue dizer quem é você? Ou também vai deixar este feitio para outra pessoa? Não me atraia esse você. Mas, quem sou para julgar? Apenas jogar deve me interessar. Nem ganhar, nem perder.
- Algumas vezes ando na escuridão; outras, na contramão; em outros momentos ainda cultivo o caos. Aí não manifesta somente destruição.
- Aonde quero chegar? Algum resultado concreto? Reto?
- Necessidade humana!...
- Civilização exigente!!! Luta para ser coerente, detergente, inteligente, instituinte, ... Nada de ponto final: só quero chegar até depois do começo e continuar com ponto e vírgula ... ou três pontos ... Como aquele recente poema que escrevi e que fala de uma certa 'organização caótica': *Nem sempre eu ando / Um passo atrás do outro / Nem sempre eu canto a mesma música / Nem sempre eu falo a mesma língua / Existe um caos que às vezes nos constrói / Existe um caos que às vezes nos corrói. / Nem sempre eu danço quando a chuva cai / Às vezes quero que fique um pouco mais / Existe um caos que às vezes nos constrói / Existe um caos que dói, dói, dói, ... / Dentro da alma baila a fantasia / A harmonia de um caos plural / Um turbilhão de dicotomias / A inevitável / Organização caótica.*

“Assim falou Zaratustra”: tentativas de interpretação e de apreensão de sua mensagem (ou de seu canto!)

A *transgressão* é uma ação ou um elemento importantíssimo para a liberdade do espírito. Para mim, esta parece ser a proposta mais presente no pensamento de Nietzsche. Em *Assim falou Zaratustra*, ele expõe uma idéia que, de certa forma, explicita o que pensa sobre o desejo latente de transgredir: “*Teus cães selvagens querem sair para a liberdade; ladram de prazer em seu porão, quando teu espírito trata de abrir todas as prisões*”. Essa libertação,

para nós, indivíduos viciados ao comodismo e à alienação, parece ser bastante distante, quase irrealizável, meramente utópico. No entanto, este fato se concretiza à medida que o nosso desejo *grita* e se torna sujeito, clamando por manifestar-se, desatando as amarras do dever.

Muitas vezes me percebo recriminando a mim mesma por não cumprir determinados deveres ou obrigações institucionalizadas como *fazer o 'bem' aos outros, comportar-se de acordo com padrões gerais, ...* e, no entanto, quando reflito sobre MEU próprio desejo, vejo que essas obrigações são muito pequenas, não são suficientemente capazes de satisfazer-me naquele momento. Por que, então, continuar transformando meu espírito em *Camelo*, com muitos fardos sobre as costas, caminhando responsabilmente, com toda sua força, rumo ao deserto? Quero ir mais além. Que se transforme o *Camelo* em *Leão*!³ É o que me diz Nietzsche: “*Criar liberdade e um sagrado Não, mesmo diante do dever: para isso, meus irmãos, é preciso o leão*” (s9. In: pensadores: 229). Transformar o espírito em leão, guerreiro, transgressor e cheio de si: eis um caminho para a libertação humana! Mas o leão, segundo Nietzsche, tem muito a aprender com a *criança*, trazendo para si algumas de suas formas de ser, pois: *Inocência é a criança, e esquecimento, um começar-de-novo, um jogo, uma roda rodando por si mesma, um primeiro movimento, um sagrado dizer-sim* (Idem:230).

Dizer sim à vida é concretizar desejos; é inquietar-se incessantemente na busca do prazer, em seu fervilhante impulso por eternidade: “*O prazer quer de todas as coisas a eternidade, quer profunda, profunda eternidade!*” (s11: 265).

A exaltação e concretização do desejo é, para Nietzsche, o que promove o prazer; um sentir-se livre. É, como proclama (Segunda parte. In: Pensadores: 235):

Querer liberta: eis a verdadeira doutrina da vontade e da liberdade – assim Zaratustra a ensina a vós.

Não-mais-querer e não-mais-estimar e não-mais-criar! Ai, que esse grande cansaço fique bem longe de mim!

Também no conhecer sinto somente o prazer de gerar e de vir-a-ser de minha vontade; se há inocência em meu conhecimento, isso acontece porque há nele vontade de gerar.

Para longe de Deus e deuses me atraiu essa vontade; o que haveria para criar, se deuses – existissem!

[...]

³ *Camelo, Leão e Criança* – figuras metafóricas, utilizadas por Nietzsche em *Assim falou Zaratustra* para designar as formas de manifestação ou transmutação do espírito. O *camelo* representa o espírito forte, que suporta carga, que renuncia e é respeitoso; o *leão* é o guerreiro que luta pela liberdade; já a *criança* expressa o espírito que brinca incessantemente com o jogo da vida; que com sua leveza e simplicidade vê o mundo como novidade. E que vive um constante *começar-de-novo*.

O conteúdo e a forma de Assim falou Zaratustra – Escrevendo de forma bastante poética, Nietzsche buscou transformar sua escrita em *música*, com toda sua perfeição. Para ele, a música é uma *arte superior* que transmite mensagens de forma muito mais marcante e consistente: Comparada com a música, *toda comunicação por palavras é vergonhosa; as palavras diluem e brutalizam; as palavras despersonalizam; as palavras tornam o incomum comum* (Fragmentos póstumos. Citado por Machado. 1997:25).

Nesta obra, Nietzsche utiliza uma linguagem repleta de metáforas e esse estilo é também um esforço para romper com o peso da racionalidade na filosofia. Ele reclamava uma postura trágico-filosófica que seria a expressão das pulsões artísticas dionisíaca e apolínea, como alternativa à essa racionalidade. Ele apontou esta dificuldade não só para si, mas para toda filosofia argumentando que, para adquirir esta postura trágica, ela precisa se manifestar numa linguagem coerente com essa visão de mundo: uma linguagem mais artística e não científica, metafórica e não conceitual.

Analisando esta obra nietzscheana, Roberto Machado expõe o seguinte:

Por que Assim falou Zaratustra seria uma tragédia? Por que Nietzsche, na época em que escreveu seu livro mais importante, considerou-se o primeiro filósofo trágico? Isso pode ser compreendido quando se compara seu Zaratustra com sua primeira obra, O nascimento da tragédia, cujo principal objetivo é a crítica da racionalidade conceitual através da apresentação da arte trágica, expressão das pulsões artísticas apolínea e dionisíaca, como grande estimulante da vida. Posteriormente, Nietzsche percebe a incompatibilidade entre o conteúdo da denúncia – a morte do trágico pelo saber racional – e a linguagem em que ela é formulada, mais próxima do racionalismo do que da poesia trágica que ela pretende enaltecer, chegando mesmo a exclamar: “Que pena eu não tenha ousado dizer, como poeta, o que tinha então a dizer: talvez eu tivesse sido capaz” (...) ... Assim falou Zaratustra é o canto que Nietzsche lamentou não ter cantado com seu primeiro livro, constituindo-se por isso sua tentativa mais radical de fazer a forma de expressão artística criar sua temática filosófica trágica (Idem: capa/ introdução).

É com Zaratustra que Nietzsche se encontra, e realiza um de seus desejos, expando sua própria linguagem – uma linguagem desejada – para expressar seus pensamentos.

Entendo Nietzsche, no momento da criação de Zaratustra, como uma pessoa que se permite a trazer seus devaneios para a filosofia; ele compõe o que chama de filosofia trágica a partir do movimento fervilhante de seu imaginário. Nietzsche sonha, nos convida a sonhar e ainda nos desvela a essência e

a necessidade mesma do canto e da poesia. Ele brinca com suas idéias e, para mim, esta atitude é dotada de forte intencionalidade: sua intenção é a de instigar as pessoas para a transgressão dos padrões ou das normas do pensar e do agir, com a pretensão de valorizar a vida e elevar (leia-se também libertar) o espírito humano.

A forma e o conteúdo de Assim falou Zaratustra me motiva a forjar a abertura de diversas possibilidades para pensar, escrever, agir, ... pois esta obra é, sob minha ótica, um instrumento de ataque às instituições, criadas e mantidas pelos homens, com a função de discipliná-lo, castrá-lo, mortificá-lo.

Nesse sentido, a leitura desta obra também me sugere uma tentativa de crítica e de distanciamento dos padrões filosófico-acadêmicos tradicionais.

A esse respeito, resgato um pequeno texto que escrevi recentemente, antes mesmo da leitura de Assim falou Zaratustra:

Pelos interstícios da vida, ando, corro, falo, leio. Pelos mais diversos caminhos (e descaminhos?!) do mundo busco coisas dotadas de significados. Coisas úteis. Inúteis. Coisas que podem dar um sentido à vida. Mas não um sentido qualquer: um sentido “sentido”. Um sentido meu, teu e nosso. Cores, dores e amores. Idéias sãs e vãs. Aquilo que você falou. Aquarelas que você pintou. Todas as ações. Essas ações humanas. Noções e nações são constantemente construídas e dinamitadas.

Professores, pesquisadores. Quero ver seus bastidores. Quero aprender ... quero saber os segredos, os medos e os dedos. Recitem seus poemas. E também os seus dilemas. Falem. Gritem. Ou apenas silenciem. Talvez eu consiga entender... “O silêncio grita” ? É o que diz Artaud. O silêncio também dita, suplica, mortifica ... O pensamento em movimento. Minha idéia, *que não é totalmente minha*, faz-me um favor. Que horror! Não é só isso. É só o começo. Idéias que querem ser publicizadas. Jamais idolatradas. Idéias que anseiam por se constituir num fio para tecer outras tantas. Idéias que clamam por liberdade e por libertar. Insaciabilidade. Um estilo. Mais um percurso e alguns percalços. CRIAÇÃO! Cria + ação. Cria – ti – vida – de. Personalidade. Oportunidade. Vontade. Um lugar ou um fato pouco explorado. Manifestações do imaginário que quer e precisa fluir, dançar, correr e pular. Esse imaginário não pode ser sufocado: – “*Por favor, não tape a minha boca, não feche os meus olhos, não me abandone !!!*” – diz o imaginário numa linda noite fria e chuvosa, em que ele quer sair ... para tomar banho de chuva. Que coisa divertida!

Para quê aprisionar o pensamento? Ele precisa ser manifestado e vivenciado, de formas diversas.

Para concluir: Um pouco do canto (ou do grito!)
de Nietzsche

Nestas últimas linhas irei transcrever algumas idéias presentes em *Assim falou Zaratustra* e que muito me despertaram, tocando-me a ponto de

'desarmonizar' o que em mim parecia ser 'perfeitamente linear': "verdades" que se transportaram para além das "mentiras". Simplesmente deixaram de ser.

As linhas que se seguem referem-se a uma concepção nietzscheana acerca do homem:

O homem é uma corda, atada entre o animal e o além-do-homem – uma corda sobre o abismo.

Perigosa travessia, perigoso a-caminho, perigoso olhar-para-trás, perigoso arrepiar-se e parar.

O que é grande no homem, é que ele é um passar e um sucumbir. Amo Aqueles que não sabem viver a não ser como os que sucumbem, pois são os que atravessam. (...)

Amo Aqueles que não procuram atrás das estrelas uma razão para sucumbir e serem sacrificados: mas que se sacrificam à terra, para que a terra um dia se torne do além-do-homem (Prefácio de Zaratustra, s. 4. In: os pensadores: 227).

A grandiosidade do homem, para Nietzsche, é que ele tem a possibilidade de se constituir numa ponte para um *atravessar* e um *sucumbir*. A concepção de homem presente no pensamento nietzscheano é a de que ele vive num constante movimento de superação de si mesmo; um esforço incessante para a busca do *além-do-homem*, ou seja, uma transposição dos limites do homem; isto propriamente representa estágios de transgressões. Atitudes próprias do homem guerreiro, autônomo, dotado de vontade.

Esse guerreiro, que enfrenta a si mesmo, chega a adorar e a odiar também o seu deus, por desejo e por necessidade de superação de si próprio:

Amo Aquele que açoita seu deus, porque ama seu deus; pois tem de ir ao fundo pela ira de seu deus (Idem: 228).

O deus, amado e execrado pelo homem, faz parte do próprio homem; é ele mesmo:

Ai, meus irmãos, esse deus, que eu criei, era obra humana e delírio humano, igual a todos os deuses!

Homem era ele, e apenas um pobre pedaço de homem e de eu: de minha própria cinza e brasa ele veio a mim, esse espectro, e – em verdade! Não me veio do além (Idem: 230).

O deus, o bem, o mal e todas as outras manifestações humanas são, para Nietzsche, *somente* criação do próprio homem:

Em verdade, os homens se deram todo o seu bem e mal. Em verdade, eles não o tomaram, eles não o encontraram, não lhes caiu como uma-voz do céu.

Valores foi somente o homem que pôs nas coisas, para se conservar – foi ele somente que criou sentido para as coisas, um sentido de homem! Por isso ele se chama de “homem”, isto é: o estimador (Idem: 232).

O guerreiro, o criador, aquele que se esforça para destruir os instrumentos de castração, é para Nietzsche o mais interessante, pois o faz se sentir realmente enquanto ser humano, um ser que vive, que possui instintos e que deve efetivar seus desejos, colocando-se além dos valores:

Vede os bons e justos! Quem eles odeiam mais? Aquele que quebra sua tábua de valores, o quebrador, o infrator: – mas este é o criador! (Idem. S 9:228).

Que vosso espírito e vossa virtude sirvam ao sentido da terra, meus irmãos: que o valor de todas as coisas seja renovado por vós! Para isso deveis ser combatentes! Para isso deveis ser criadores! (Idem:233).

Ai, meus amigos! Que vosso eu esteja na ação, como a mãe está na criança: seja esta para mim vossa palavra de virtude! (Idem:236).

Assim, porém, vos aconselho, meus amigos: desconfiai de todos em quem o impulso de castigar é poderoso! (Idem: 237).

Ele expõe a necessidade de satisfação dos próprios desejos, e isto se dá também com a libertação das sensações de ‘culpa’, ‘castigo’, ‘recompensa’, ‘piedade’, ‘Vingança’. Para Nietzsche esses valores não são virtudes, são atitudes impostas, castradoras dos instintos humanos e geradoras de infelicidade. O trecho que se segue revela essa ânsia por liberdade e por satisfação dos desejos, condição a qual ele tanto deseja para os homens:

Sabedoria cansa, nada vale a pena; não debes desejar! – essa nova tábua encontrei pendente mesmo em praças públicas. Quebrai, ó meus irmãos, quebrai-me também essa nova tábua! Os cansados do mundo a penduraram ali, e os pregadores da morte, e também os guarda-chaves: pois, vede, é também uma pregação de servilismo: – Porque eles aprenderam mal, e não o melhor, e tudo cedo demais e tudo depressa demais: porque eles comeram mal, por isso veio-lhes esse estômago estragado – um estômago, sim, é seu espírito: é ele que aconselha a morte!

Nietzsche *me* fala como quem anuncia o fim do mundo; o fim desse mundo ilusório, mentiroso, fútil, aparente. Fala como quem narra uma aventura, e se vê dentro dela. O que é tido como “bom”, “correto” e “válido” é, para ele, apenas uma interpretação unilateral.

Sua fervilhante percepção das coisas, que para uns incomoda, para outros satisfaz, me faz compará-lo metaforicamente a um *vulcão*; sua beleza fantástica, seu perigo, sua força e sua revolta constitui um ato avassalador, gerando novas paisagens. Outras possibilidades. Um misterioso e incessante devir.

É isso pois, o que, parcial e sutilmente, Nietzsche *me* diz.

Bibliografia

- ALVES, Rubem – *Entre a ciência e a sapiência – os dilemas da educação*, Rio de Janeiro, edições Loyola, 1999.
- GAULTIER, Jacques – *Encontro entre arte, ciência e democracia na pesquisa em ciências humanas e sociais, enfermagem e educação*, 1999. UFBA.
- MACHADO, Roberto – *Zaratustra: Tragédia nietzscheana*, 2ª edição, Rio de Janeiro, Jorge Zahar editor, 1997.
- NIETZSCHE, Friedrich W. – *O anticristo*, São Paulo, Ed. Moraes, 1984.
- NIETZSCHE – *OS PENSADORES* – Obras incompletas, 3ª edição, São Paulo, Abril Cultural, 1983.